

ANTIGO TESTAMENTO

## As Origens dos Livros de Samuel: *Status Quaestionis*

### *The Origins of the Books of Samuel: 'Status Quaestionis'*

Leonardo Pessoa da Silva Pinto\*

#### RESUMO

Este artigo apresenta as hipóteses sobre a formação dos livros de Samuel e discute sobretudo a pertença de 1-2Samuel à História Deuteronomista e a origem da História da Sucessão. A história da pesquisa diacrônica sobre 1-2Samuel até a sua situação atual, na sua pluralidade de correntes e opiniões, é posta em evidência e avaliada. A conclusão é a de que, apesar da falta de consenso entre os estudiosos, a pesquisa diacrônica sobre as origens de 1-2Samuel desvelaram muitos aspectos importantes destes livros e que este tipo de pesquisa continua sendo necessário.

**Palavras-chave:** Antigo Testamento; Samuel; História Deuteronomista; História da Sucessão.

#### ABSTRACT

This article studies the hypotheses about the formation of the books of Samuel and focuses on discussing their belonging to the Deuteronomistic History and the origin of the Succession Narrative. The history of the diachronic research on 1-2 Samuel through its current state is presented in its diversity and evaluated. It is concluded that despite the lack of consensus among scholars the diachronic research on the origins of 1-2 Samuel unveiled many relevant features of these books, and that this kind of inquiry is still needed.

**Keywords:** Old Testament; Samuel; Deuteronomistic History; Succession's History.

---

\* Mestre e doutor pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor de Exegese Bíblica na PUC-MG. Atualmente em programa de pós-doutorado e professor assistente no Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

## Introdução

A pergunta pela origem dos livros bíblicos provém de uma curiosidade natural para quem aprecia ou reverencia estes textos. Este artigo mostrará quanto a questão da origem da Bíblia pode ser intrincada apresentando as muitas questões que surgem já no estudo de um caso específico, o dos livros de Samuel, que, por sua vez, difere da história de origem de tantos outros livros ou seções da Bíblia. A questão do surgimento da literatura bíblica sempre atraiu a atenção dos estudiosos e ocupa parte significativa da produção exegética, particularmente dos métodos e abordagens ditos diacrônicos. Rastrear a origem e formação de um livro ou seção de livros na Bíblia demonstrou ser, contudo, uma tarefa complexa e que, em muitos casos, divide a opinião dos especialistas. No caso dos livros de Samuel, a complexidade é tal que, segundo Naumann, a pesquisa diacrônica sobre estes livros produziu 57 hipóteses diferentes sobre a sua formação [!] e que chegar a um consenso a respeito é improvável, a não ser que os arqueólogos finalmente encontrem os arquivos do Templo de Jerusalém da época do rei Josias (2004, p. 60-61). Esta observação bem-humorada do autor traz à tona um dos aspectos mais criticados atualmente na aplicação dos métodos diacrônicos ou histórico-críticos, ou seja, a multiplicação de hipóteses. Mesmo considerando que esta não é uma exclusividade dos métodos histórico-críticos, é preciso admitir que a grande quantidade e variedade de hipóteses explicativas para as origens dos livros de Samuel podem desorientar e dar a falsa impressão de que nada sabemos a respeito desta literatura. Contudo, deve-se considerar que questões fundamentais sobre 1-2Samuel foram levantadas apenas por estudos de caráter diacrônico e que estudar este campo da pesquisa exegética pode favorecer uma maior compreensão destes livros, bem como iluminar sua relação com outros textos bíblicos.

O objetivo deste artigo é oferecer um panorama das hipóteses sobre as origens de 1-2Samuel e averiguar qual a situação atual da pesquisa a respeito. Os limites de espaço não permitem uma apresentação de todos os autores que trataram o tema, nem sequer uma discussão exaustiva da argumentação de cada um deles. Contudo, o leitor encontrará aqui as contribuições mais importantes, bem como referências bibliográficas para futuro aprofundamento. Serão tratadas a formação e subdivisão dos livros de Samuel, o seu contato com a chamada História Deuteronomista e serão discutidas sobretudo as hipóteses sobre a “História da Sucessão ao Trono”.

## 1 As fontes dos livros de Samuel

Costuma-se dizer que a divisão de Samuel em dois livros foi iniciada com a tradução grega do livro no século II a.C., a Septuaginta, pois em grego a obra ocupa mais espaço e não cabe em um só rolo. Daí nasceu a divisão em primeiro e segundo livro de Samuel. Costuma-se, em todo caso, dividir 1-2Samuel em quatro partes (cf. NIEHR, 2003, p. 196-197): a primeira, dedicada à transição do período dos juízes à monarquia, tem como protagonistas Saul e Samuel (1Sm 1-15); a segunda contém a ascensão de Davi ao trono (1Sm 16-2Sm 5; 7-8); a terceira, a sucessão ao trono de Davi (2Sm 6; 9-20; 1Rs 1-2); a quarta é formada por acréscimos e inclusões no livro, um apêndice (2Sm 21-24).

Estes livros possuem relatos que giram em torno de personagens específicas, tais como as histórias sobre Samuel e Saul, a ascensão e sucessão de Davi, mas também lamentações, salmos, listas, documentos de arquivos, crônicas de campanha militar, oráculos. Textos como

lendas, sagas de heróis, etiologias, novelas, elegias e notícias históricas são combinadas em 1-2Samuel. Toda esta diversidade de materiais indica uma complexa história por trás da obra que possuímos atualmente (cf. LAMADRID, 2004, p. 113). Além disso, encontram-se em 1-2Samuel determinados *doublets*, duplicações de material, que sugerem a natureza compósita do texto, ou seja, a conservação e combinação de tradições diversas. Os seguintes eventos são exemplos de duplicados nos livros de Samuel: Saul atira a lança contra Davi; proposta de matrimônio a Davi; Davi perdoa a vida de Saul; notícia da morte de Samuel. Existem também contradições, tais como o desconhecimento de Saul em relação a Davi após sua vitória contra Golias, muito embora este tenha já sido musicista na sua corte, ou o fato de Saul ter promovido Davi por estimá-lo e pouco depois ser dito que o fizera para afastá-lo da corte (cf. SICRE DÍAZ, 2011, p. 218-219). A diversidade de gêneros e materiais encontrados em 1-2Samuel, a presença de *doublets* e contradições, bem como a variação de linguagem e estilo sugerem que estes livros conheceram mais de uma fase na sua formação.

## 2 Leonhard Rost e as histórias de ascensão e sucessão ao trono

Em 1926, Leonhard Rost publicou um estudo que iria revolucionar a exegese dos livros de Samuel (cf. ROST, 1926). Rost identificou em 1-2Samuel, entre outras, uma unidade literária que foi chamada de História da Ascensão de Davi ao Trono (1Sm 16-2Sm 5; 7-8). Esta História poderia ter sido composta para defender Davi de acusações e suspeitas levantadas contra ele, tais como o fato de ter usurpado o trono da casa de Saul, de ter eliminado a família de Saul e eventuais contendores ao trono e de ter passado, em uma fase da sua vida, para o lado dos inimigos filisteus (cf. SICRE DÍAZ, 2011, p. 220-223). De fato, estes textos isentam Davi de qualquer responsabilidade e parecem apologéticos. É bastante provável que as acusações mencionadas tenham sido efetivamente levantadas contra o rei. Veja-se, por exemplo, como 2Sm 21, que não faz parte da História da Ascensão, mas do apêndice ao livro, atribui a Davi a responsabilidade por ter entregue à morte sete descendentes de Saul. A História da Ascensão mostra, porém, como Davi praticamente é presenteado por Deus com o trono, sem ter ativamente buscado tomar a posição de Saul. Dentre os textos mais apologéticos neste bloco narrativo encontra-se 2Sm 7, a promessa feita à dinastia de Davi. A formação mesma deste capítulo é muito discutida e constitui talvez o texto mais estudado de 1-2Samuel.

Lemche, em 1978 (o artigo original, em dinamarquês, é de 1975), aplicou às histórias sobre a Ascensão de Davi o princípio do Direito Romano *cui bono*, “a quem beneficia o crime?”. Segundo Lemche, muito embora as histórias procurem isentar Davi de culpa, uma leitura atenta leva à conclusão de que os assassinatos e outros eventos contados na História da Ascensão de Davi ao Trono suspeitosamente beneficiavam sempre Davi. A consequência é que a narrativa da Ascensão de Davi tem um valor histórico muito dubio e que Davi, possivelmente, não era muito distinto dos outros governantes daquele tempo nas suas ações (1978, p. 3, 17-18). Destarte, muito embora o texto seja, ao menos superficialmente, apologético a Davi, uma leitura mais atenta pode desvelar sua culpabilidade ao longo de sua bem-sucedida carreira até o trono. Seria justo, porém, ir um pouco mais longe do que Lemche e nos perguntarmos se a culpabilidade de Davi pode ser percebida na narrativa não apenas apesar das tentativas do narrador de encobri-la, mas sim porque o narrador propositalmente deixou pistas no texto para que o leitor pudesse entrevê-la. Um narrador que quisesse encobrir totalmente a

responsabilidade de Davi e os indícios de que este tivesse usurpado o trono poderia tê-lo feito em modo mais competente e insuspeitável.

Além da História de Ascensão de Davi ao Trono, Rost identificou e estudou uma “História da Sucessão ao Trono” em 2Sm 6,16.20-23; 7,11b.16; 9-20; 1Rs 1-2. Segundo Rost, estas passagens formam um documento unificado. A carreira bem-sucedida de Davi dá lugar ao seu declínio e, por fim, à sucessão por seu filho Salomão. Os estudos de Rost se baseavam sobretudo em análise de vocabulário e estilo destes trechos, mas obviamente o conteúdo da história, a linha narrativa, foi também um elemento importante para definir a unidade do material. A História da Sucessão teria sido escrita *in majorem gloriam Salomonis*, para justificar sua sucessão. Assim, este documento demonstra pouco interesse teológico ou cultural, pois sua finalidade era outra, a legitimação do reino de Salomão. Os versículos de 2Sm 6 supramencionados foram incluídos por Rost na História da Sucessão ao Trono devido à importância da infertilidade de Mical para a questão da sucessão. Mical, filha de Saul e esposa de Davi, não tivera filhos e, portanto, não havia gerado pretendentes ao trono. Rost acreditava ainda que o autor da História da Sucessão havia sido uma testemunha ocular dos fatos, um escritor do período do “iluminismo salomônico”. Como a linguagem da História da Sucessão é muito vívida e como a apresentação das suas personagens é detalhada, dando vida às mesmas, Rost acreditava que esta história deveria ter sido escrita por alguém do período narrado, ou seja, do século X a.C., alguém que vivenciara os acontecimentos.

Na teoria de Rost, portanto, as histórias de Davi se subdividem em dois grandes blocos, a da Ascensão de Davi ao Trono e a da Sucessão ao Trono. Um outro conjunto identificado por Rost em 1-2Samuel, mas menos estudado na literatura exegética, é o da “História da Arca”, em que o itinerário da Arca da Aliança até Jerusalém é narrado. Este bloco incluiria 1Sm 4,16-7,1; 2Sm 6. A teoria de Rost dominou as discussões dos estudiosos dos livros de Samuel por muitas décadas. Gerhard von Rad, por exemplo, considerou a História da Sucessão como o primeiro escrito historiográfico de Israel, uma historiografia teológica, enquanto outros textos traziam apenas sagas. Ao contrário das sagas, em que Deus é o personagem principal da trama e a controla através de milagres, na História da Sucessão, Deus é visto como a força invisível que guia a história (1975, p. 315-317). Como se verá, a teoria de Rost foi assimilada em grande parte pela hipótese de Martin Noth sobre a História Deuteronomista.

### 3 Os livros de Samuel e a História Deuteronomista

A hipótese da História Deuteronomista foi criada por Martin Noth em 1942-1943 (cf. NOTH, 1943). A História Deuteronomista (Dtr) incluiria os livros de Deuterônimo, Josué, Juízes, 1-2Samuel, 1-2Reis. O livro de Rute não faz parte deste complexo, muito embora na ordem do cânon cristão esteja entre Jz e 1-2Sm. Assim, a Dtr incluiria Dt e os Profetas Anteriores (Js, Jz, 1-2Sm, 1-2Rs). A relação destes livros com o Deuterônimo se dá no fato de que, muitas vezes, parecem aplicar ideias ou normas contidas no Deuterônimo. Por exemplo, a centralização do culto em um só lugar, princípio que encontramos em Dt 12-18, é realizada em Rs, onde o lugar do culto é identificado com Jerusalém. O livro de Js, por sua vez, é o cumprimento da promessa feita por Deus ao povo de entrar na terra, promessa encontrada em Dt. Destarte, parece não ser correto separar os Profetas Anteriores de Dt. Além disso, existem referências cruzadas em Js-Rs, de modo que não se pode ler estes livros apenas como obras independentes, e sim como coligadas (cf. SICRE DÍAZ, 2011, p. 193-197).

Já bem antes de Noth, autores do século XIX como Wilhelm Martin Leberecht de Wette sugeriram que houvera uma revisão ligada a Dt, daí “deuteronomista”, nos livros de Js a Rs. Assim, predecessores de Noth encontraram já traços deuteronomistas em Js, Jz, 1-2Sm, 1-2Rs. Pensava-se, então, que um redator deuteronomista havia retocado estes textos. Noth muda a perspectiva e sustenta que os autores destes livros eram deuteronomistas. Assim, encontramos de Dt até Rs, excluindo Rt, uma só obra, escrita por um autor. Noth admite que Dtr tenha sido ocasionalmente expandida por alguém que imita o estilo deuteronomista, mas estas inserções não mudam o caráter unitário da Dtr original.

O autor deuteronomista da teoria de Noth teria utilizado tradições e textos preexistentes para compor a sua própria obra, tais como ciclos de histórias sobre os profetas Elias e Eliseu, anais dos reis de Judá e anais dos reis de Israel nos livros dos Reis etc. Para Noth, estas fontes recolhidas pelo deuteronomista eram fragmentárias, pelo que se pode chamar a sua teoria de “hipótese dos fragmentos” em contraposição à hipótese documentária, ou seja, contra a ideia sustentada por predecessores de Noth de que os documentos do Pentateuco (Javista, Eloísta etc.) se estendiam aos Profetas Anteriores. Estas fontes foram usadas pelo autor deuteronomista de modo inteligente, selecionando-as e articulando-as com o seu projeto literário. Alguns destes materiais foram reelaborados pelo autor deuteronomista, outros foram deixados praticamente intactos (veja-se lista em SICRE DÍAZ, 2011, p. 199-201). As desarmonias e contradições existentes em Dtr foram atribuídas por Noth a diferenças presentes nas fontes utilizadas pelo autor deuteronomista.

A Dtr teria como contexto de sua produção a queda do Reino do Sul em 587 a.C. e o exílio, evento que marcou de modo traumático a consciência de Israel. A derrota e o desterro aportaram uma crise da ideia de que Jerusalém era a cidade santa e inviolável por ser protegida por Deus. Com o Templo destruído e o povo sem rei, as principais instituições daquela sociedade foram eliminadas. Além disso, o exílio provocou uma crise da fé na promessa divina de dar ao povo a terra, pois o povo, ao menos em parte, foi mandado para o desterro. A dinastia davídica, com a qual Deus se comprometera em 2Sm 7, não pôde continuar governando. Segundo Noth, Dtr foi elaborada, ao menos na sua edição final, para responder a estas questões e crises da identidade religiosa e cultural de Israel diante da derrota para os babilônios. A resposta do deuteronomista é dada em um reexame da história de Israel. Trata-se de uma teodiceia, uma explicação sobre a justiça divina e o desastre nacional. Dtr teria sido, então, a primeira tentativa séria de escrever historiografia. Esta obra histórica, Dtr, tem uma grande introdução teológica, o livro do Deuteronomio, cuja função era a de abrir os livros seguintes, não concluir os anteriores, ou seja, o Pentateuco.

Na visão de Dtr, a terra foi prometida por Deus ao povo não em caráter incondicional, mas com a exigência de se observarem os mandamentos da lei, as cláusulas da Aliança. Assim, a fidelidade garante a permanência na terra, enquanto a infidelidade implica expulsão e desterro. Deus não deixou de cumprir sua promessa, ele não foi infiel. Foi o povo, liderado por seus reis, que descumpriram a aliança e conduziram ao desastre nacional. Dtr é, assim, um hino à fidelidade e justiça de Deus (cf. LAMADRID, 2004, p. 27). A catástrofe do exílio, segundo Noth, não é mais do que a consequência lógica da história de infidelidade do povo. Dtr haveria, então, um olhar voltado para o passado e sua explicação.

Na sua teoria, Noth assimilou a ideia de Rost entendendo que as Histórias da Ascensão e da Sucessão de Davi foram integradas pelo autor de Dtr na sua obra, ou seja, eram parte das fontes utilizadas em Dtr. Apesar da obra Dtr ter sido escrita no exílio, os textos de 1-2Sm



poderiam ser bem mais antigos, como sugerira Rost. Segundo Noth, algumas passagens em 1-2Sm foram elaboradas por Dtr com o claro propósito de colocar sob suspeita a monarquia e sua origem. Na passagem do período dos juízes à monarquia, Dtr criou alguns textos de caráter antimonárquico (1Sm 7,2-17; 8,1-22; 10,17-27a; 12,1-25) que modificam o teor pró-monárquico das fontes utilizadas por Dtr. Contudo, dentre os livros de Dtr, 1-2Sm são os que menos traem uma redação deuteronomista. Noth tentou explicar este fato afirmando que em Samuel as fontes utilizadas pelo autor da obra Dtr foram preservadas mais integralmente, foram menos retocadas. De qualquer modo, alguns autores apontaram em 1-2Sm alguns traços de linguagem e teologia deuteronomista, tal como a noção de que a história se deteriora progressivamente (cf. LAMADRID, 2004, p. 103). 1Sm 12 seria um texto tipicamente deuteronomista pela crítica à monarquia, o pedido do povo a Samuel para a escolha de um rei apresentado como uma traição à própria tradição e à vontade divina. Por outro lado, questões fundamentais para Dtr estão praticamente ausentes em 1-2Sm, tais como a centralização do culto. Como se verá, a pertença de 1-2Sm a Dtr tornou-se ponto de contenda entre os estudiosos.

#### 4 Críticas e revisões à Teoria de Noth

A combinação da teoria de Rost sobre as Histórias da Ascensão e Sucessão com a de Noth sobre a História Deuteronomista constituiu a visão majoritária sobre as origens dos livros de Samuel por muitas décadas. A teoria de Noth foi amplamente aceita entre os biblistas até o fim dos anos 1960 (cf. LAMADRID, 2004, p. 38). A hipótese passou, porém, a sofrer críticas e revisões cada vez mais frequentemente. Aqui veremos aquelas que têm incidência sobre a questão da origem de 1-2Sm.

Em 1968 Frank Moore Cross defendeu a existência de duas edições da História Deuteronomista. A primeira edição seria do período pré-exílico, do reino de Josias. A segunda edição pertenceria ao período exílico. Segundo Cross, existe em Dtr posturas contraditórias em relação à dinastia de Davi. A posição mais otimista em relação à realeza e à dinastia davídica correspondem a Dtr1, que encontra em Josias um rei piedoso, capaz de restaurar o império de Davi. A primeira edição seria, assim, propaganda para a reforma de Josias, uma espécie de sermão convocando o Norte a se reunir com o Sul sob Josias na obediência à Aliança com o Senhor. O rei Josias é apresentado como um novo Davi. Por sua vez, Dtr2 reelabora a História Deuteronomista à luz do fim trágico de Josias e da monarquia. Esta atualização se encontra, sobretudo, na passagem referente a Manassés em 2Rs 21,2-15 e algumas inserções em outras passagens. Em 1-2Sm, apenas 1Sm 12,25 pertenceria a Dtr2. Se em Dtr1 Josias é comparável a Davi, em Dtr2 Manassés é comparável a Jeroboão, o que explica o destino funesto do Reino de Judá (1973, p. 274-289). Cross e seus discípulos são conhecidos como a Escola de Harvard no campo da pesquisa sobre a História Deuteronomista.

Rudolf Smend, ex-assistente de Noth, propôs uma teoria alternativa para a formação de Dtr. Este autor estudou algumas passagens em Josué e Juízes relacionadas à conquista da terra, concluindo que a História Deuteronomista original foi modificada por um redator preocupado com a adequação à lei, à Torá. Tal redator não trabalhou apenas em Js e Jz, mas em toda a Dtr (1971, p. 509). Smend e seus discípulos ficaram conhecidos no campo dos estudos sobre a Dtr como a Escola de Göttingen. A hipótese desta escola é que a primeira edição de Dtr, DtrH (= DtrG, primeiro historiador deuteronomista), foi uma obra de caráter

histórico que surgiu como resposta à crise no início do período exílico. Em torno de 570 a.C. DtrH sofrera uma reedição, com a adição de materiais de caráter profético, profecias e seus cumprimentos, DtrP, identificada por Walter Dietrich, um discípulo de Smend (cf. DIETRICH, 1972). Segundo Dietrich, por volta de 560 a.C., este material foi reeditado mais uma vez, DtrN, com a adição de elementos nomísticos/nomológicos, ou seja, relacionados às leis da Torá, sobretudo àquelas do Deuteronômio. Assim, esta teoria não se diferencia da tese de Noth de que a versão mais antiga da obra geral de Dtr encontra-se no exílio. Smend revisou esta teoria posteriormente, sugerindo que a última etapa, DtrN, seria, na realidade, pós-exílica, correção que foi acolhida pelo próprio Dietrich. Assim, Dtr teria duas redações durante o exílio e uma após o desterro. Timo Veijola é um outro autor que faz parte da escola de Smend e que rejeita expressamente uma redação pré-exílica em Dtr. Segundo este autor, DtrP não idealiza Davi como DtrH e não demonstra grandes esperanças com relação a sua dinastia. DtrP coloca a instituição da monarquia sob a supervisão dos profetas e a eles atribui o título “servo de YHWH”, aplicado por DtrH a Davi (1975, p. 138-140).

Segundo Anthony F. Campbell, pode ter existido uma “história profética” bem anterior a Dtr que foi inserida em Sm-Rs e cuja tônica é a afirmação da autoridade dos profetas sobre os reis. Destarte, em contraste com a opinião de Dietrich, DtrP como revisão de DtrH constituiria uma suposição desnecessária, pois o material profético deve ser considerado uma fonte prévia a Dtr. Segundo Campbell, a falha de Dietrich está em ter se concentrado em 1-2Rs e ter dado pouca atenção aos textos de 1-2Sm, o que será feito posteriormente por Veijola (1994, p. 42-49). Em outras palavras, ao contrário da DtrP de Dietrich, a história profética de Campbell se harmoniza bem com a proposta original de Noth.

Recentemente, Thomas Römer também sustentou a formação de Dtr em três etapas. A primeira, pré-exílica, no período neoassírio, consiste em uma otimista literatura de propaganda da monarquia. A segunda, no período neobabilônico, logo após a crise do desterro, configura o pessimismo da literatura de crise. Além disso, a edição babilônica de Dtr transformou o exílio, que atingira apenas parte da população, a sua elite, em matriz de identidade para todo o povo. A terceira, pós-exílica, no período persa, trata de temas como o sucesso de judeus em cortes estrangeiras, e assim transforma o exílio em diáspora. Esta edição seria aceitável para quem retorna para a terra, mas também para quem permanece no exílio. Römer não fala tanto de autores deuteronomistas, mas de uma escola. Segundo este autor, na forma atual, Dtr é a história do falimento da monarquia e do exílio. A postura ambígua de Dtr em relação à monarquia se revela na limitação do poder e propriedades que o rei poderia haver. Em Dt 17 o rei não é o mediador da lei, como acontecia comumente no Antigo Oriente Próximo, mas o recipiente da lei mediada pelo profeta (cf. RÖMER, 2005).

Como Römer, Raymond F. Person também prefere falar em uma escola, mas esta teria iniciado entre escribas da administração real que foram exilados. Este grupo voltará para a Judeia, após a derrota dos babilônios, a serviço da administração persa e revisará a obra Dtr. Assim, na visão de Person a obra deuteronomista teria continuado por um período bastante extenso no período pós-exílico. Esta escola foi derrotada e substituída mais tarde pelo grupo de escribas vindo a Jerusalém com a missão de Esdras, o grupo que será responsável pela obra rival a Dtr, ou seja, os livros de Crônicas, Esdras e Neemias. Segundo Person, a pesquisa sobre Dtr poderá avançar sobretudo com as recentes contribuições da crítica textual. A crítica da redação e a crítica da forma por si mesmas têm dificuldades em distinguir mais de uma camada em Dtr, uma vez que todas as camadas usam a mesma linguagem e estilo.

A crítica textual pode suprir em parte a ausência de critérios para esta distinção. Os estudos atuais têm indicado que o texto hebraico massorético apresenta uma versão da Dtr em geral mais revisada do que a forma encontrada no texto grego da Septuaginta. Assim, a tradução grega seria testemunha de uma fase mais antiga da Dtr, enquanto o Texto Massorético configuraria uma versão retocada mais tardia (2002, p. 21-42, 143-144). De fato, tudo indica que estudos de crítica textual terão cada vez mais impacto na pesquisa sobre Dtr nos próximos anos.

Ian William Provan pensa que a Dtr original era do tempo de Josias, portanto pré-exílica. Ela era constituída por Sm-Rs apenas, muito embora a forma original de 1-2Sm não era idêntica à atual; Dt, Jz e Js foram adicionados a Dtr mais tarde. Assim, a Dtr de Noth seria, na realidade, a expansão no exílio de um história já existente. A primeira edição de Dtr era pró-monárquica, a escolha de um rei constituindo a resposta de Deus ao problema representado pelos filisteus. Em um segundo momento, o surgimento da monarquia é apresentado como resultado da rebeldia e obstinação do povo (1988, p. 163-170). Diversamente, Ernst Würthwein e A. Graeme Auld sustentaram que o cerne da obra Dtr é Rs, os outros livros e o Tetrateuco foram adicionados depois (cf. WÜRTHWEIN, 1994, p. 1-11). Auld questiona até mesmo a pertinência do termo “deuteronomista” para este conjunto, e põe em xeque a própria existência de uma obra unitária. De qualquer modo, a sua preferência é por ler e entender a formação destes textos partindo de Rs até Dt (1999, p. 122-123). Por sua vez, Jürg Hutzli afirma que 1-2Sm se desenvolveu independentemente de Dtr e que se trataria de histórias originadas na tradição oral e adicionadas a Dtr apenas após a escrita de 1-2Rs. Este autor afirma também que a caracterização de Davi em 1-2Sm é mais ambígua do que em 1-2Rs, onde a figura do rei é totalmente positiva (2010, p. 509, 514-516).

A pertença de 1-2Sm a Dtr é completamente rejeitada por Noll. Segundo este autor, 1-2Sm não pode ser descrito como deuteronomista, pois apenas 2% do livro foi influenciado por Dt. Mais ainda, 1-2Sm possui um teor anti-deuteronomista. Quando alguma personagem em 1-2Sm diz algo que soa deuteronomístico, a história acaba por minar a suposta atitude piedosa da personagem. Contudo, 1-2Sm não foi escrito prioritariamente como polêmica contra Dt. Os livros de Samuel foram escritos simplesmente para serem uma história interessante, uma narrativa secular, onde a divindade é apresentada de modo muito diverso, por exemplo, de Dt. Apenas quando o Deus de Sm é igualado ao Deus de Dt, e quando esta literatura passa a ser lida como parte de um conjunto de livros com um perspectiva muito diferente, é que nasce o problema da adequação de 1-2Sm a este bloco de textos sagrados: 1-2Sm não foi composto originalmente para ocupar o lugar que ocupa atualmente nas Escrituras (2013, p. 121-125, 130-139).

Jacques Vermeylen tem uma opinião praticamente oposta e afirma que 1-2Sm possui uma posição central em DtrH, olhando seja para a história pregressa, seja para a história futura e propondo dois modelos diferentes de liderança, o modelo negativo de Saul e aquele positivo de Davi. Assim, 1-2Sm não foi pensado como literatura independente, mas exatamente como o meio ou centro de uma composição mais ampla. Vermeylen apoia, portanto, certas intuições já presentes na obra de Noth (2013, p. 81).

Como conclusão desse panorama sobre as críticas à teoria de Noth, podemos citar C. Edenburg e J. Pakkala. Segundo estes autores, os refinamentos à teoria de Noth acabaram por ruir sua base. À medida que outros autores encontraram mais fases e redatores em Dtr, às vezes em contradição entre si, a ideia de *uma* Dtr se enfraqueceu (2013, p. 2).



## 5 Críticas e revisões à teoria de Rost

As críticas à teoria de Rost incidem sobre diversos pontos do seu pensamento. Concentraremos nossa atenção sobre a História da Sucessão e, para uma maior clareza da discussão, veremos separadamente cada um dos aspectos atualmente em debate.

### 5.1 Limites e unidade da História da Sucessão

A inclusão do material de 2Sm 6 na História da Sucessão é atualmente rejeitada pela maior parte dos estudiosos. O mesmo vale para os versículos de 2Sm 7 incluídos por Rost. Além disso, como veremos, muitos autores acreditam que 2Sm 9 não é um bom candidato a início deste bloco narrativo, pois este capítulo não teria sentido como começo ou abertura da História da Sucessão. Se, por um lado, os textos mencionados passaram a ser rejeitados como parte da História da Sucessão, outros autores, como Harold M. Wiener e Morton Smith, trabalharam em direção contrária e defenderam a ampliação deste bloco narrativo com a inclusão de outros capítulos. Segundo Smith, alguns trechos de 2Sm 2-4 devem ser considerados parte da História da Sucessão (1951, p. 169), enquanto Wiener considerava como pertencente a este bloco a maior parte dos capítulos 1-7 de 2 Sm, alguns versículos dos capítulos 16; 18-19; 21-23; 25-31 de 1Sm e até mesmo o capítulo 9 de Jz (1929, p. 5-8). David M. Gunn, por sua vez, critica Rost por não ter dado muita consideração aos capítulos anteriores a 2 Sm 6 na sua argumentação sobre os critérios estilísticos vigentes na História da Sucessão. Segundo Gunn, critérios estilísticos e temáticos justificam a inclusão de 2Sm 2-4 (possivelmente também 2Sm 5,1-3) neste documento. Além disso, a inclusão destes capítulos poderia resolver a questão do início ou introdução deste bloco narrativo de maneira mais satisfatória do que considerar 2Sm 9 como seu começo (1978, p. 65-81).

É bom recordar que vários autores apontaram evidências de que nem todo o material nos capítulos reconhecidos por Rost como História da Sucessão podem ter vindo da mesma mão. Assim, a unidade do documento foi posta em cheque. Sigmund Mowinckel e P. Kyle McCarter Jr. rejeitam 1Rs 1-2 como parte do bloco chamado História da Sucessão. Mais precisamente, McCarter considera apenas 1Rs 1-2 como referente à sucessão, um texto pró-salomônico (1984, p. 13-14). Mowinckel afirmara que nada em 2Sm 9-20 prepara o leitor para a informação de que Davi é já bastante velho em 1Rs 1,1. Além disso, 1Rs 1-2 funciona mais como abertura de uma nova narrativa do que como conclusão de uma história precedente (1963, p. 11).

Würthwein afirmou que a caracterização de Natan em 2Sm 12 e 1Rs 1 são diferentes demais para pertencerem ao mesmo documento. Além disso, muitos outros textos deste bloco parecem ser secundários, tais como 2Sm 12,1-15a; 14,2-22; 15,24-26.29; 16,5-14; 17,5-14.15b; 18,2b-4a; 20,8-13; 1Rs 2,5-9.31b-33.44-45. Nestas passagens, Davi é muitas vezes caracterizado como piedoso, o que contradiz a brutalidade que demonstra no resto da obra. A história original era negativa em relação a Davi e a sua dinastia, mas foi posteriormente modificada por um redator que a transformou em propaganda pró-davídica e pró-salomônica (cf. WÜRTHWEIN, 1974). Como visto acima, na visão da escola de Smend, Dietrich e Veijola, os materiais sobre Natan pertencem a DtrP, e portanto constituem inserções posteriores em DtrH. Assim, existiriam, na História da Sucessão, textos de fases diferentes.

James W. Flanagan, por exemplo, prefere falar de dois documentos diferentes combinados nestes capítulos, a História da Corte e a História da Sucessão. Flanagan considera que o texto original era uma História da Corte<sup>1</sup> transformada em História da Sucessão pela inserção de 2Sm 11-12 e 1Rs 1-2 (1972, p. 173). Randall C. Bailey também entende que 2Sm 10-12 foram inseridos posteriormente na História da Sucessão (1990, p. 45, 49).

Charles Conroy, por sua vez, analisou 2Sm 13-20 separadamente dos outros capítulos normalmente atribuídos à História da Sucessão. Este autor conclui que a história da rebelião contida em 2Sm 13-20 possui uma relativa autonomia em relação ao material que lhe precede ou segue. Além disso, uma consideração dos temas ali tratados não permitem dizer que a sucessão é uma preocupação central do narrador. A história trata sobretudo de Davi e Absalão; a conexão com o tema da sucessão só é possível quando se lê esta história retroativamente a partir de 1Rs 1-2. 2Sm 13-20 tratam de uma rebelião, não de sucessão. Do ponto de vista narrativo, a tensão desta história cessa em 2Sm 20 e a trama não demanda a leitura de 1Rs 1-2. Muito embora Conroy não exclua a interpretação que liga estes capítulos a uma História da Sucessão, ele demonstrou que esta leitura não é necessária (1978, p. 101-105). Assim, 2Sm 13-20 podem e devem ser estudados separadamente de 1Rs 1-2.

Steven L. McKenzie sustenta que nunca existiu uma História da Sucessão como documento distinto de Dtr. Ela é criação do deuteronomista, com exceção de 2Sm 10-12, inseridos em Dtr para mudar a interpretação dos fatos subsequentes, lidos agora como consequências do pecado de Davi. O caráter supostamente negativo da apresentação de Davi na História da Sucessão depende sobretudo destes capítulos, de modo que, o que poderia ser interpretado como gentileza de Davi para com seus filhos, aparece, no arranjo atual do livro, como sua fraqueza (2000, p. 134-135).

F. Langlamet procurou explicar o enigma da coexistência de tendências anti e pró-salomônicas na História da Sucessão servindo-se das contribuições de Würthwein e Veijola. Segundo Langlamet, a solução não se encontra no nível sincrônico ou narrativo, mas em admitir a natureza compósita da história. Este autor sustentou que em 1Rs 1-2 encontram-se pelo menos duas camadas de texto. Na fase mais antiga, esta história possuía uma nota anti-salomônica, mas foi depois modificada por um redator pró-salomônico que deu ao texto, na sua forma final, caráter favorável ao sucessor de Davi ao neutralizar as acusações e polêmicas contra Salomão. A camada mais antiga da história possui um tom polêmico e deve ter sido escrita ainda no tempo do reinado de Salomão. Já o redator pró-salomônico parece ter pertencido à casta sacerdotal e ter escrito em algum momento entre o reinado de Josias e aquele de Ezequias. (1976, p. 321-379.481-528). Em outro artigo, Langlamet discute trechos da história da rebelião de Absalão (2Sm 15-20) e propõe a existência de um relato antigo, que chamou de “Revolta”, utilizado pelo autor ou autores da História da Sucessão em duas fases, “S1” e “S2”. Langlamet não descarta a possibilidade de que estas três primeiras fases tenham sido escritas pelo mesmo autor em momentos diferentes, à medida que completou e ampliou sua obra. A estas camadas seguiu-se a redação de um autor anti-salomônico, “S3”, e, por fim, alguns retoques posteriores a S3 a quem foi atribuída a sigla “R”. A separação entre as diversas fases e estratos depende em grande parte das diferenças linguísticas entre estas (1977, p. 161-209). Fica claro quanto a unidade da História da Sucessão é fraturada

<sup>1</sup> A expressão História da Corte às vezes é usada como sinônima de História da Sucessão, muito embora indique para alguns autores finalidades diferentes do documento em questão. A expressão é antiga, encontrada já em autores do século XIX, e precede a teoria de Rost.

pela hipótese de Langlamet, segundo a qual em cada episódio encontramos a intervenção de muitas mãos.

Em sentido contrário, R. Carlson argumentou que 2Sm 10-24 forma um conjunto que deveríamos chamar de “Davi sob a maldição”, pois a última parte da história de Davi, 2Sm 13-24, é caracterizada por uma série de catástrofes como guerras, carestia e doença cuja causa se encontra no episódio de 2Sm 10-12. Para Carlson, não existem documentos independentes em 2Sm, mas uma só história governada primeiro pela ideia de benção (2Sm 2-8) e depois pela da maldição. O elo de causa e efeito identificável na história de Davi, ou seja, a benção dependente da fidelidade à lei e a maldição como decorrência de sua inobservância, é tipicamente deuteronômico. A história de Davi não é material mais antigo inserido em Dtr, mas criação de Dtr mesmo, que utilizou uma figura conhecida, o rei Davi, para demonstrar este princípio e, ao mesmo tempo, para propagar a fé no futuro, ou na benção futura, caso o povo retorne ao Senhor (1964, p. 24-30). Assim, Carlson não apenas rejeita a separação originalmente proposta por Rost entre História da Ascensão e História da Sucessão, mas também inclui neste bloco narrativo os capítulos normalmente considerados como apêndice ao livro, 2Sm 21-24.

Serge Frolov também rejeita a subdivisão entre História da Ascensão e História da Sucessão. Existe uma integridade narrativa e homogeneidade de 2Sm 1 a 1Rs 2, com a exceção de 2Sm 21-24 e, possivelmente, 2Sm 10-12. Segundo este autor, Sm-Rs pertencem à História Deuteronomista, foram compostos pelo deuteronomista, não apenas assimilados e arranjados por ele em Dtr (2002, p. 83, 87).

Gillian Keys prefere ver em 2Sm 1-9 uma unidade literária própria, com o tema da consolidação do poder por parte de Davi. Para este autor, em 1Sm 31 o tema da ascensão de Davi e declínio de Saul está completo com a morte de Saul. Keys prefere ver todo 1 Sm como História da Ascensão de Davi, sendo 1Sm 1-15 o *background* das histórias de Davi e 1Sm 16-31 a efetiva ascensão. 2Sm, ao contrário, é a história do reino de Davi, sendo 2Sm 1-9 a consolidação do seu poder, 2Sm 10-20 o seu reino propriamente e 2Sm 21-24 um apêndice. Segundo Keys, 2 Sm 10-20 é o núcleo de 2Sm. Os capítulos 10-20 formam uma unidade, que porém pode ser subdividida em episódios: 2Sm 10-12; 2Sm 13-14; 2Sm 15-20. Este autor pensa que, estilo, linguagem, conteúdo e posição teológica distinguem 1Rs 1-2 de 2Sm 9-20. Como estes capítulos não formam unidade com 2Sm 9-20 e como em 1-2Sm a questão da sucessão não é tratada de maneira muito intensa, toda a teoria de Rost cai. A unidade literária, para Keys, está em 2Sm 10-20, não sendo o capítulo 9 um início apropriado para a história. Os versículos de 2Sm 7 incluídos por Rost na História da Sucessão também não pertencem a esta (1996, p. 70-93, 117).

## 5.2 Intencionalidade, gênero e temas

Contra a visão de Rost sobre a intencionalidade da História da Sucessão, Lienhard Delekat afirmou que seu objetivo era uma crítica à monarquia, não a defesa de Salomão. De fato, as histórias que compõem esta narrativa não esclarecem porque afinal Salomão se tornou o herdeiro ao trono. Se a narrativa fosse favorável à dinastia davídica, muitos eventos deveriam ter sido omitidos pelo narrador. O narrador desafia a reverência dada a Davi e Salomão como indevida; Salomão não se tornou rei por escolha divina (1967, p.28-33).

Roger N. Whybray critica a classificação da História da Sucessão como historiografia, como sustentaram Noth e von Rad. Whybray sugere, ao contrário, uma dupla intenção para este documento, ou seja, que a História da Sucessão é simultaneamente propaganda política e um escrito sapiencial (1968, p. 56-95). Quanto à sua intencionalidade e gênero, Gunn também rejeita o tratamento da História da Sucessão como historiografia. Por outro lado, Gunn recusa ainda a proposta de Whybray de que se trataria de um escrito sapiencial. Os temas elencados por Whybray como típicos dos escritos sapienciais são, na realidade, comuns a uma gama variada de literatura e não justificam a classificação da História da Sucessão como sapiencial (1978, p. 19-34). Segundo Gunn, trata-se de uma novela escrita para entreter. A intencionalidade primeira da História da Sucessão, portanto, não é didática, nem sequer funcionar como propaganda, mas oferecer um entretenimento sério, uma literatura exigente que interpela o leitor. O maior argumento em favor desta interpretação sobre o seu gênero e intencionalidade é a sua grande qualidade literária, a qual foi sempre apontada pelos estudiosos. O tema deste conjunto é duplo, Davi como rei (vida pública) e Davi como homem (vida privada). Assim, sucessão é apenas um tema menor trabalhado neste texto, centrado na história de Davi. De fato, Salomão não aparece neste conjunto como uma personagem central. A história de Davi e seu reino é narrada também com atenção à oposição entre “dar/oferecer” e “tomar” (à força ou ilegitimamente). Quando Davi oferece ou aceita o dom do reino livremente, é bem-sucedido; quando, ao contrário, toma aquilo que não lhe pertence ou não lhe foi dado por Deus, é malsucedido ou punido por Deus. Outro tema presente na obra, segundo Gunn, é o da presença misteriosa de Deus na condução da história, sua providência (1978, p. 37-38, 61-62, 87-111).

T. C. G. Thornton pensa que o tema da sucessão é sim de grande interesse para o narrador, mas que a questão não é tanto “quem vai suceder ao trono?”, mas “porque Salomão sucedeu ao trono?”. Em outras palavras, trata-se de explicar porque o direito de primogenitura não prevaleceu, porque o trono não foi ocupado por um dos irmãos mais velhos de Salomão. A história, na forma atual, mostra como Deus preparou o caminho para que Salomão fosse coroado, além de oferecer justificativas para as suas primeiras ações (execuções) como rei. O tom da História da Sucessão, portanto, é apologético, pró-salomônico (1968, p. 160-162, 166).

James S. Ackerman sugere que a História da Sucessão ou, como prefere, História da Corte, constitui uma reflexão sobre a relação intrincada entre soberania divina e liberdade humana. Ao longo este documento, a rebelião de Absalão aparece ao mesmo tempo como operada livremente por Absalão, que é, portanto, por ela responsável, e como resultado de um julgamento divino e punição contra Davi. Assim, a justiça divina é realizada através da ação livre do homem. A consequência é que a punição sofrida por Davi vem tanto do céu quanto da terra (1990, p. 51). Na visão de Ackerman, o tema da chamada História da Sucessão seria, na realidade, teológico. O mesmo princípio de dupla causalidade, uma divina, outra humana, presente na narrativa da rebelião de Absalão foi posteriormente enfatizado por Jonathan Grossman (2007, p. 558).

Já foi dito acima que muitos autores rejeitam a ideia de que este bloco trate primordialmente de sucessão. Sean E. McEvenue, por exemplo, admite que existe uma narrativa de sucessão, mas esta não é a maior preocupação da linha narrativa. De fato, a maior parte do material ali encontrado tem pouca conexão com a questão da sucessão. Este documento seria um estudo inteligente sobre Davi, tratando temas como engano, manipulação e ambiguidade. Trata ainda a questão do pecado, punição e justificação de Davi. Segundo este autor, o texto da

História da Sucessão é majoritariamente secular, e os ensinamentos sobre Deus permanecem em segundo plano (1986, p. 35-42).

Joseph Blenkinsopp pensa que é melhor distinguir dois temas na História da Sucessão, a legitimação de Davi e a luta pela sucessão (1966, p. 47). Harry Hagan também advertiu que a sucessão é apenas um tema ali tratado, um entre muitos temas interconectados e que dão uma configuração à trama. Entre os vários outros temas encontra-se aquele do engano de uma personagem, frequentemente respondido ao longo da narrativa com um contra-engano por parte de outra personagem. O contra-engano é a ação que restaura a ordem subvertida pelo engano (1979, p. 301-326).

Uma distinção interessante feita por Keys é que, mesmo que a História da Sucessão não tenha sido escrita originalmente como propaganda política, ela tem o potencial para funcionar como tal. A História da Sucessão de fato dá o pano de fundo para a sucessão de Salomão, mostrando a morte de três dos seus irmãos mais velhos (Amnom, Absalão, Adonias) e de dois potenciais usurpadores (Seba e Simei), mas ao mesmo tempo não registra todos os eventos relacionados à sucessão: se a lista de filhos de Davi é dada em ordem de nascimento, seis irmãos mais velhos de Salomão não são levados em conta na história. Se este documento relata a história da sucessão, o faz de maneira incompleta. Lidos sem 1Rs 1-2, 2Sm 9-20 não parece tratar de sucessão (1996, p. 37, 46). Dois temas maiores estão presentes em toda a narrativa da História da Sucessão. O primeiro é o tema do pecado/punição. O outro tema maior é o do “Homem Davi” (não o “Rei Davi”!). Um *motif* menor, mas importante, dentro desta história, é a família de Davi, o que justifica o título dado a esta seção por autores antigos de “História da Família de Davi”. Outros *motifs* menores são a fraqueza de Davi, a humildade de Davi, luto, engano, o número sete etc. Trata-se de uma biografia teológica de Davi, uma biografia desde a perspectiva da retribuição divina. O ponto reafirmado na narrativa é o de que a punição segue inexoravelmente ao pecado (1996, p. 124-155).

### 5.3 Origem do material

A hipótese de Rost datava a origem do material na História da Ascensão e da Sucessão no período de Salomão (século X a.C.), sendo estes documentos produtos de uma testemunha ocular dos eventos. Contudo, a ideia de um iluminismo salomônico, a qual estava na base desta visão, é cada vez mais rejeitada pelos estudiosos devido à falta de suporte histórico e arqueológico. Otto Eissfeldt apresentou ainda um outro contra-argumento: um autor hábil poderia ter recriado a atmosfera dos eventos na história; não é necessária uma testemunha ocular para descrever os detalhes dos acontecimentos (1965, p. 138-141).

Dentre os estudiosos que rejeitam atualmente situar a origem deste material no período de Salomão, Bailey acha difícil aceitar que a História da Sucessão tenha sido escrita por uma testemunha dos eventos e que seja historicamente confiável (1990, p. 48-49). J. van Seters, por exemplo, entende que a História da Sucessão pertence ao período pós-exílico (persa), escrito por um autor anti-monárquico que inseriu estes textos na DtrH. Segundo van Seters, as contradições em Dtr não se devem ao respeito do autor pelas fontes, como defendia Noth, mas a adições posteriores. A História da Corte, onde Davi é apresentado como fraco e de modo negativo não pertencia inicialmente a Dtr, que considera Davi o rei ideal. Assim, Dtr original era bem mais curta do que propusera Noth. O autor da História da Corte fez pequenas adições ao resto de Dtr para adaptar bem sua composição. Esta História da Corte não seria uma



verdadeira historiografia, mas criação literária tardia (2014, p. 5-11). Blenkinsopp discorda de van Seters, dizendo que Davi é retratado positivamente nos escritos pós-exílicos e que seria estranho um escrito tão negativo contra ele no período persa. Além disso, Davi mantém na História da Corte (expressão que ele prefere a “História da Sucessão”) o critério mais importante para Dtr, a fidelidade ao culto exclusivo de YHWH. Este texto ou documento poderia ser do período final da monarquia de Judá (2013, p. 53-58). Também contra van Seters, Hutzli afirma que, já na História da Ascensão, encontram-se aspectos negativos na caracterização de Davi (2010, p. 512). Van Seters responderá mais tarde a Blenkinsopp que o critério importante para Dtr não é apenas lealdade a YHWH, mas os dez mandamentos. A história da vinha de Nabote encontra-se em Dtr e nela Acabe é condenado, considerado o pior de todos os reis, não por desrespeito a normas culturais, mas inobservância da lei. Assim, seria estranho que Davi fosse o rei ideal tendo feito algo semelhante a Acabe (2014, p. 13-14). Os temas da eleição de Davi, sua suposta obediência a YHWH e a perpetuidade de sua dinastia são tratados satiricamente na História da Corte, talvez para desencorajar sentimentos de retorno à monarquia durante o exílio ou pós-exílio.

M. Garsiel acredita que uma datação da maior parte do material em 1-2Sm para o final da monarquia unida seja aceitável (século X a.C.) e que os argumentos contra esta posição, sobretudo aqueles baseados em estudos de arqueologia, foram extrapolados. As visões contraditórias sobre Davi nos livros de Samuel fazem pensar em um autor inserido na polêmica, próximo ao período que discute na sua obra. Muitos detalhes em 1-2Sm indicam um autor com acesso aos arquivos reais e bom conhecimento da geografia. Outro argumento importante para Garsiel vem da linguística histórica. Há pouca influência do aramaico nos livros de Samuel, outro indício da antiguidade deste texto, uma vez que o hebraico tardio, pós-exílico, sofreu uma considerável influência daquela língua (2010, p. 11-34).

Römer considera improvável que a História da Sucessão pertencesse ao acervo de Josias, pois apresenta Davi em modo negativo, enquanto a História da Ascensão de Davi, pelo contrário, poderia servir para sua propaganda. Afinal, o governo de Josias é apresentado como restauração do período de ouro do reino de Davi. Ao mesmo tempo, com a restauração do Templo, Josias é comparável a Salomão. Josias foi o único rei a cumprir o Código Deuterônômico de Dt 6,4-5 (2005, p. 94-95, 104).

Em resumo, um dos pontos ainda em discussão atualmente é se a História da Sucessão é posterior a Dtr, uma adição a ela, se, ao contrário, é anterior a Dtr constituindo uma das fontes utilizadas pelo autor Dtr ou, por fim, se é uma criação de Dtr.

## Conclusão

A história da composição dos livros de Samuel continua sendo matéria de debate entre os biblistas e questões como a sua relação com Dtr geraram hipóteses explicativas variadas. Há estudiosos que admitem 1-2Sm como parte de Dtr e outros que rejeitam completamente esta conexão. A história da pesquisa indica que a composição dos livros de Samuel conheceu mais de uma etapa, muito embora não haja unanimidade entre os estudiosos sobre quais e quantas foram as fases na formação de 1-2Sm e sua relação com outros livros bíblicos.

Com relação à História da Sucessão, muito embora a tendência majoritária entre os estudiosos seja rever os limites, datação, gênero, tema e finalidades deste documento, uma

minoría simplesmente nega sua existência. Encontramo-nos, em todo caso, com uma narrativa de grande qualidade literária.

O itinerário percorrido neste artigo demonstra que a pesquisa diacrônica continua viva, atual e em diálogo com novos fronts, tais como os novos estudos de crítica textual, análise narrativa etc. A visão atualmente difundida de que os métodos histórico-críticos e diacrônicos foram superados ou que já ofereceram toda a contribuição que poderiam dar não corresponde à realidade. A visão panorâmica dos estudos de caráter diacrônico sobre 1-2Sm revela que estes não foram capazes de gerar consenso sobre a origem desta literatura. Contudo, estes estudos desvelaram múltiplas facetas de 1-2Sm, os temas ali tratados, a teologia e tendências presentes nestes livros, a caracterização das suas personagens etc.

Por fim, estudos de caráter mais “sincrônico”, como as obras de Whybray e Conroy citadas acima, podem ter impacto sobre questões que interessam à pesquisa diacrônica. O oposto também é verdadeiro e uma ilação possível é a de que os métodos ditos diacrônicos e os métodos chamados sincrônicos encontram-se menos distantes entre si do que costuma-se admitir.

Resta o fato de que uma total clareza sobre a história da formação dos livros de Samuel é ainda um *desideratum* na pesquisa exegética. Os estudos futuros não podem, porém, prescindir dos conhecimentos e questões trazidos pelos seus predecessores.

## Referências

- ACKERMAN, James S. Knowing Good and Evil: A Literary Analysis of the Court History in 2 Samuel 9-20 and 1 Kings 1-2. *Journal of Biblical Literature*, London, v. 109, n. 1, p. 41-64, 1990. DOI: <<https://doi.org/10.2307/3267328>>.
- AULD, A. Graeme. The Deuteronomists and the Former Prophets, or What Makes the Former Prophets Deuteronomistic? In: SHEARING, L. S.; MCKENZIE, S. L. (Ed.). *Those Elusive Deuteronomists: The Phenomenon of Pan-Deuteronomism*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999. (JSOT Supplement, Series 268). p. 116-126.
- BAILEY, Randall C. *David in Love and War: The Pursuit of Power in 2 Samuel 10-12*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990. (JSOT Supplement, Series 75).
- BLENKINSOPP, Joseph. Theme and Motif in the Succession History (2 Sam. XI 2ff) and the Yahwist Corpus. In: *Volume du Congrès, Genève 1965*. Leiden: Brill, 1966. (VT Supplements, 15). p. 44-57.
- BLENKINSOPP, Joseph. Another Contribution to the Succession Narrative Debate (2 Samuel 11-20; 1 Kings 1-2). *Journal for the Study of the Old Testament*, Sheffield, v. 38, n. 1, p. 35-58, 2013. DOI: <<https://doi.org/10.1177/0309089213492811>>.
- CAMPBELL, Anthony F. Martin Noth and the Deuteronomistic History. In: MCKENZIE, S. L.; GRAHAM, M. P. (Ed.). *The History of Israel's Traditions: The Heritage of Martin Noth*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994. (JSOT Supplement, Series 182). p. 31-62.
- CARLSON, R. A. *David, the Chosen King: A Traditio-Historical Approach to the Second Book of Samuel*. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1964.
- CONROY, Charles. *Absalom Absalom! Narrative and Language in 2 Sam 13-20*. Rome: Biblical Institute Press, 1978. (Analecta Biblica, 81).
- CROSS, Frank Moore. The Themes of the Books of Kings and the Structure of the Deuteronomistic History. In: CROSS, F. M. (Ed.). *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1973. p. 274-289.
- DELEKAT, Lienhard. Tendenz und Theologie der David-Salomo-Erzählung. In: MAAS, F. (Ed.). *Das ferne und nahe Wort*. Berlin: Töpelmann, 1967. (Beiheft zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 105). p. 26-36.
- DIETRICH, Walter. *Prophetie und Geschichte: eine redaktionsgeschichtliche Untersuchung zum deuteronomistischen Geschichtswerk*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1972. (Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments, 108).

- EDENBURG, Cynthia; PAKKALA, Juha. Is Samuel Among the Deuteronomists? In: EDENBURG, C.; PAKKALA, J. (Ed.). *Is Samuel Among the Deuteronomists?: Current Views on the Place of Samuel in a Deuteronomistic History*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. (Ancient Israel and Its Literature, 16). p. 1-15. <https://doi.org/10.2307/j.ctt5hjh2n.4>
- EISSFELDT, Otto. *The Old Testament: An Introduction*. Oxford: 1965.
- FLANAGAN, James W. Court History or Succession Document? A Study of 2 Samuel 9-20 and 1 Kings 1-2. *Journal of Biblical Literature*, London, v. 91, n. 2, p. 172-181, 1972. <https://doi.org/10.2307/3263203>
- FROLOV, Serge. Succession Narrative: A “Document” or a Phantom?. *Journal of Biblical Literature*, London, v. 121, n. 1, p. 81-104, 2002. <https://doi.org/10.2307/3268331>
- GARSIEL, Moshe. The Book of Samuel: Its Composition, Structure and Significance as a Historiographical Source. *Journal of Hebrew Scriptures*, Edmonton, v. 10, p. 2-42, 2010.
- GROSSMAN, Jonathan. The Design of the “Dual Causality” Principle in the Narrative of Absalom’s Rebellion. *Biblica*, Roma, v. 88, n. 4, p. 558-566, 2007.
- GUNN, David Miller. *The Story of King David: Genre and Interpretation*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1978. (JSOT Supplement, Series 6).
- HAGAN, Harry. Deception as Motif and Theme in 2 Sm 9-20; 1 Kgs 1-2. *Biblica*, Roma, v. 60, p. 301-326, 1979.
- HUTZLI, Jürg. The Literary Relationship between I-II Samuel and I-II Kings. Considerations Concerning the Formation of the Two Books. *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, Giessen, v. 122, p. 505-519, 2010.
- KEYS, Gillian. *The Wages of Sin: A Reappraisal of the “Succession Narrative”*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996. (JSOT Supplement, Series 221).
- LAMADRID, A. González et al. *História, Narrativa, Apocalíptica*. São Paulo: Ave-Maria, 2004 (Introdução ao Estudo da Bíblia, 3b).
- LANGLAMET, F. Pour ou contre Salomon? La rédaction prosalomonienne de I Rois, I-II. *Revue Biblique*, Paris, v. 83, p. 321-379. 481-528, 1976.
- LANGLAMET, F. Absalom et les concubines de son père. Recherches sur II Sam., XVI,21-22. *Revue Biblique*, Paris, v. 84, p. 161-209, 1977.
- LEMICHE, N. P. David’s Rise. *Journal for the Study of the Old Testament*, Sheffield, v. 10, p. 2-25, 1978.
- MCCARTER, P. Kyle. *II Samuel: A New Translation with Introduction, Notes and Commentary* by P. Kyle McCarter, Jr. Garden City: Doubleday & Company, 1984. (The Anchor Bible, 9).
- MCEVENUE, Sean E. The Basis of Empire: A Study of the Succession Narrative. *Ex Auditu*, v. 2, p. 34-45, 1986.
- MCKENZIE, Steven L. The So-Called Succession Narrative in the Deuteronomistic History. In: de PURY, A.; RÖMER, T. (Ed.). *Die sogenannte Thronfolgegeschichte Davids: neue Einsichten und Anfragen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000. (Orbis Biblicus et Orientalis, 176). p. 123-135.
- MOWINCKEL, Sigmund. Israelite Historiography. *Annual of Swedish Theological Institute in Jerusalem*, v. 2, p. 4-26, 1963.
- NAUMANN, Thomas. Zum Verhältnis von Synchronie und Diachronie in der Samuelexegese. In: DIETRICH, W. (Ed.). *David und Saul im Widerstreit – Diachronie und Synchronie im Wettstreit: Beiträge zur Auslegung des ersten Samuelbuches*. Fribourg – Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. (Orbis Biblicus et Orientalis, 206). p. 51-65.
- NIEHR, Herbert. Os Livros de Samuel. In: ZENGER, Erich et al. (Ed.). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003. (Biblica Loyola, 36). p. 194-201.
- NOLL, K. L. Is the Scroll of Samuel Deuteronomistic? In: EDENBURG, C.; PAKKALA, J. (Ed.). *Is Samuel Among the Deuteronomists?: Current Views on the Place of Samuel in a Deuteronomistic History*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. (Ancient Israel and Its Literature, 16). p. 119-148. <https://doi.org/10.2307/j.ctt5hjh2n.10>
- NOTH, Martin. *Die Überlieferungsgeschichtliche Studien: Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament*. Halle: Max Niemeyer, 1943. (Schriften der Königsberger Gelehrten Gesellschaft, 18/2).
- PERSON, Raymond F. *The Deuteronomic School: History, Social Setting, and Literature*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2002. (Studies in Biblical Literature, 2).

- PROVAN, Ian William. *Hezekiah and the Books of Kings: A Contribution to the Debate about the Composition of the Deuteronomistic History*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1988. (Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 172).
- von RAD, Gerhard. *Old Testament Theology*. I. The Theology of Israel's Historical Traditions. London: SCM, 1975.
- RÖMER, Thomas C. *The So-Called Deuteronomistic History: A Sociological, Historical and Literary Introduction*. London, New York: T & Clark, 2005.
- ROST, Leonhard. *Die Überlieferung von der Thronnachfolge Davids*. Stuttgart: Kohlhammer, 1926. (BWANT, III/6).
- van SETERS, John. A Revival of the Succession Narrative and the Case against It. *Journal for the Study of the Old Testament*, Sheffield, v. 39, n. 1, p. 3-14, 2014. <https://doi.org/10.1177/0309089214551510>
- SICRE DÍAZ, José Luis. *Introducción al Antiguo Testamento*. Estella: Verbo Divino, 2011. (Estudios Bíblicos, 42).
- SMEND, Rudolf. Das Gesetz und die Völker: Ein Beitrag zur deuteronomistischen Redaktionsgeschichte. In: WOLFF, H. W. (Ed.). *Probleme biblischer Theologie: Gerhard von Rad zum 70. Geburtstag*. München: Kaiser, 1971, p. 494-509.
- SMITH, Morton. The So-Called "Biography of David" in the Books of Samuel and Kings. *Harvard Theological Review*, Cambridge, v. 44, n. 4, p. 167-169, 1951. <https://doi.org/10.1017/S0017816000027838>
- THORNTON, T. C. G. Solomonic Apologetic in Samuel and Kings. *Church Quarterly Review*, London, v. 149, p. 159-166, 1968.
- VEIJOLA, Timo. *Die ewige Dynastie: David und die Entsehung seiner Dynastie nach der deuteronomistischen Darstellung*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1975. (Annales Academiae Scientiarum Fennicae, ser. B 193).
- VERMEYLEN, Jacques. The Book of Samuel within the Deuteronomistic History. In: EDENBURG, C.; PAKKALA, J. (Ed.). *Is Samuel Among the Deuteronomists?: Current Views on the Place of Samuel in a Deuteronomistic History*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013. (Ancient Israel and Its Literature, 16). p. 67-91. <https://doi.org/10.2307/j.ctt5hjh2n.7>
- WHYBRAY, Roger Norman. *The Succession Narrative: A Study of II Samuel 9-20; I Kings 1 and 2*. London: SCM, 1968. (Studies in Biblical Theology, second series 9).
- WIENER, Harold M. *The Composition of Judges II 11 to 1 Kings II 46*. Leipzig: Hinrichs, 1929.
- WÜRTHWEIN, Ernst. *Die Erzählung von der Thronfolge Davids: theologische oder politische Geschichtsschreibung?* Zurich: Theologischer Verlag, 1974. (Theologische Studien).
- WÜRTHWEIN, Ernst. Erwägungen zum sog. deuteronomistischen Geschichtswerk. Eine Skizze. In: WÜRTHWEIN, Ernst (ed.). *Studien zum deuteronomistischen Geschichtswerk*. Berlin, New York: de Gruyter, 1994. (Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 227). p. 1-11.

Recebido em 26/11/2017

Aprovado em 09/05/2018

Leonardo Pessoa da Silva Pinto  
Rua General Dionisio Cerqueira, 1004/402  
Bairro Gutierrez  
30441-058 – Belo Horizonte, MG, Brasil